



PROGNÓSTICO FUMO

A cultura do fumo continua enfrentando sérios problemas com os setores ligados à saúde pública. O problema é mundial e vários países promovem movimentos antitabagistas com objetivo de conscientizar os usuários sobre os malefícios do tabaco. São duas situações absolutamente opostas; pois a exploração da fumicultura é altamente rentável e se torna uma atividade importante na renda e na permanência dos pequenos produtores no campo. Por outro lado, a sua exploração e o consumo, vem se tornando motivo de muita preocupação para as autoridades sanitárias, pelos males que o uso deste produto traz aos usuários.

A pesquisa agrícola, o planejamento da produção a assistência técnica personalizada e a garantia de compra do produto, garantem ao pequeno produtor uma renda superior aos demais produtos. É por estas vantagens que a maioria dos pequenos produtores prefere continuar nesta atividade.

Segundo a organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação – FAO, a produção mundial havia se estabilizado nos 7,2 milhões de toneladas durante um período de 7 anos. Porém, já se observa uma pequena redução a partir do ano de 2015. Com base nos últimos dados disponíveis para o ano de 2016, a FAO indica uma produção de 6,7 milhões de toneladas de tabaco em folha. O tabaco é cultivado em 128 países, ocupa uma área de 4 milhões de hectares e a produtividade média é da ordem de 1850 kg/ha.

A China continua sendo o maior produtor mundial, com uma participação superior a 40% nas últimas safras. Os chineses aumentaram significativamente a produção depois de 2008, cuja índice de crescimento alcançou 6,4% nos 5 anos seguintes, o que é considerado bastante alto, tratando-se de uma cultura que a maioria das fases são conduzidas manualmente. O Brasil ocupa o 3º lugar na produção, com 10%, a Índia com 11,4% e os Estados Unidos que voltaram a aumentar os plantios, representam aproximadamente 4%.

No Brasil, apesar dos movimentos no sentido de reduzir o uso do tabaco e a busca incessante na sua substituição por outras culturas, a produção continua crescendo e o País ocupa o ranking de primeiro exportador desde 1993. Atualmente, as exportações brasileiras de tabaco já se destinam para mais de 100 países e esta conquista crescente



deve-se essencialmente à qualidade, à garantia do fornecimento e a competitividade dos preços no mercado internacional. A competitividade do fumo brasileiro passa necessariamente pelo menor custo de mão de obra, quando se compara, principalmente com os Estados Unidos que já enfrentam grande escassez de trabalhadores no campo.

Na África, a cultura do fumo está ocupando lugar de destaque e possui condições favoráveis de crescimento, principalmente nos países de Zimbábue e em Malawi. Conforme já citado em parágrafos anteriores, o cultivo de tabaco exige grande quantidade de mão de obra, cerca de 50 a 60% na composição dos custos de produção. A abundância de mão de obra aliada às condições climáticas favoráveis naqueles países, tornam o Continente Africano como promissor ao desenvolvimento da cultura do tabaco durante os próximos anos. (Tabela 1)

TABELA 1 -PRODUÇÃO DE FUMO NOS PRINCIPAIS PAÍSES, EM TONELADAS – 2010 à 2016

PAÍSES	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
CHINA	3.005.928	3.158.737	3.127.871	3.150.179	2.997.050	2.833.900	2.806.700
BRASIL	780.942	951.933	810.550	850.673	862.396	867.300	675.500
INDIA	755.500	640.820	820.000	830.000	720.725	746.700	761.300
E.U.A	326.080	272.622	345.837	345.837	397.535	326.200	285.100
ARGENTINA	123.300	165.145	115.340	115.334	119.434	109.100	93.600
INDONÉSIA	195.000	130.300	260.800	260.200	196.300	193.700	196.100
MALAWI	215.000	174.928	72.571	132.849	126.348	120.400	84.900
PAQUISTÃO	119.323	102.834	97.878	108.307	129.878	120.000	116.100
ITÁLIA	97.200	82.175	50.620	49.770	53.925	51.400	48.400
TURQUIA	55.000	45.000	75.000	90.000	74.696	75.000	70.000
ZIMBÁBUE	109.737	115.570	115.000	150.000	76.618	171.000	172.200
SUB-TOTAL	5.782.835	5.840.064	5.891.467	5.963.149	5.754.905	5.614.700	5.309.900
OUTROS	1.331.131	1.359.054	1.356.851	1.471.919	1.421.745	1.370.600	1.354.300
TOTAL	7.113.966	7.199.118	7.248.318	7.435.068	7.176.650	6.985.300	6.664.200

FONTE: FAO, SEAB/DERAL



CONVENÇÃO QUADRO

O mundo todo estava preocupado com o uso do tabaco e suas consequências malélicas causadas à saúde dos fumantes, mas era necessário algum instrumento de ordem legal para adotar certas medidas. Foi assim que os Estados-membros das Nações Unidas propusessem, durante a 52ª Assembleia Mundial de saúde, a adoção de um tratado Internacional. Este tratado recebeu o nome de Convenção Quadro para o controle do tabaco – CQCT e foi criado em maio de 1999, em Genebra na Suíça.

A Convenção Quadro foi adotada pela Assembleia Mundial de Saúde em 21 de maio de 2003. No ano de 2004 já alcançou a marca de 40 ratificações de países-membros e entrou em vigor no dia 27 de fevereiro de 2005. Em resumo as suas principais atribuições são: adoção de medidas intersetoriais nas áreas de propaganda, publicidade, patrocínio, advertências sanitárias, tabagismo passivo, tratamento de fumantes, comércio ilegal de cigarros, preços e impostos.

Evidentemente, este instrumento trouxe algumas preocupações à cadeia produtiva como um todo, mas especialmente aos produtores que viam neste instrumento uma ameaça à continuidade desta atividade. Assim, fez-se necessários várias audiências públicas para esclarecer os principais pontos e garantia por parte do Governo Federal de não proibição de plantio de fumo. Na sequência foi criada, em 2003, a Comissão Nacional para a implantação da Convenção Quadro – CONIQ, composta por vários ministros, sob a presidência do Ministério da Saúde e a Secretaria-Executiva com a coordenação do Instituto Nacional do Câncer – INCA. Também foi decisivo o apoio do poder executivo composto por 6 Ministérios: Casa Civil, Agricultura, Saúde, Desenvolvimento Agrário, Relações Exteriores e Fazenda.

O poder Executivo além de assumir a garantia de plantio de tabaco, se comprometia em apoiar os fumicultores através do Programa de Diversificação Produtiva das áreas cultivadas com o fumo. Vencidas todas estas etapas, o Brasil aprovou a Convenção Quadro através do Decreto Legislativo nº 1012 de 27 de outubro de 2005, tornando-se o 100º país a ratificar a Convenção Quadro e tornar-se membro efetivo.

Atualmente, a Convenção Quadro conta com mais de 180 ratificações ou países nas propriedades agrícolas, mas sempre focando o principal objetivo que é a redução do uso de tabaco. No Brasil após 13 anos de implantação, algumas medidas já estão em vigor como a proibição de fumar em ambientes públicos e fechados, a venda de cigarros



aos menores, a proibição do trabalho infantil e o maior controle ao contrabando de cigarros.

Com relação à diversificação houve um esforço dos Governos Federal e Estadual na busca de outras atividades que possam substituir e reduzir a cultura do fumo. Porém, o processo é lento uma vez que a implantação de uma nova atividade leva tempo e exige recursos, assistência Técnica e muita persistência para se atingir os resultados econômicos satisfatórios.

Nos três estados do Sul que correspondem por cerca de 95% da produção nacional, os órgãos de pesquisa e assistência técnica estão se empenhando na diversificação. Neste período de tempo algumas alternativas já foram implantadas, como pecuária leiteira, produção de orgânicos, fruticultura, olericultura e o Programa Plante Feijão e Milho pós colheita de fumo.

No Paraná, a primeira tentativa de diversificação nas propriedades fumícolas foi coordenada pela EMATER, através da Chamada Pública, contou com recursos do Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA e abrangeu 960 famílias produtoras de tabaco. Este trabalho consistiu no levantamento socioeconômico dos fumicultores selecionados e na sequência foram implantadas algumas atividades novas.

Um dos Programas implantados, no Paraná, pelo SINDITABACO, AFUBRA e também apoiado pela SEAB está dando bons resultados. Segundo o SINDITABACO, o Estado cultivou na safra de 2017/18 cerca de 11.273 há de milho e 8.185 há de feijão, com resultado econômico estimado em R\$ 72,1 milhões. Este valor rateado para 29.840 produtores de tabaco, resultou em aproximadamente R\$ 2.416,00 de renda adicional para cada produtor.

PANORAMA NACIONAL

A cultura do fumo no Brasil é uma atividade bastante antiga, teve o seu início em 1556 com a chegada dos portugueses e franceses e os demais povos a partir dos séculos XVI e XVII. Na verdade, antes deste período os índios que aqui habitavam já faziam uso desta planta, porém limitando-se apenas aos rituais religiosos. Durante um longo período de tempo, a exploração era essencialmente artesanal, sem uso de tecnologia e praticamente toda a produção se destinava ao mercado interno. A mudança desse processo iniciou-se a partir do ano de 1918 quando se instalou a primeira fábrica



de cigarros no Brasil.

Portanto, a partir de 1918 a fumicultura brasileira torna-se uma atividade importante na questão socioeconômica para a Região Sul brasileira. Os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e o Paraná representam cerca de 95% da produção brasileira de fumo e o restante é cultivado nos Estados de Alagoas, Paraíba, Bahia, Ceará e São Paulo. A concentração da produção justifica-se pela tradição dos povos europeus com a cultura do fumo, as condições climáticas, os solos favoráveis e a renda econômica que a cultura proporciona em pequenas propriedades.

Desta forma, o Rio Grande do Sul concentra a produção com 50%, seguido por Santa Catarina 30% e o Paraná com 20%. Frisando que a Região corresponde por 95% da produção nacional e o Estado do Paraná tem apresentado as maiores taxas de crescimento, o que lhe permitiu a evolução de 11% na participação da produção para 20% nos últimos 8 anos. (Tabela 2) – (Tabela 3) – (Tabela 4)

TABELA 2 – BRASIL; EVOLUÇÃO DA ÁREA PRODUÇÃO E NÚMERO DE FAMÍLIAS

SAFRA	(Área há)	Produção (t)	Nº da Famílias
2009/10	450.000	788.000	185.160
2010/11	455.000	952.000	186.810
2011/12	408.000	801.000	165.170
2012/13	405.000	851.000	162.410
2013/14	414.000	862.000	160.000
2014/15	409.000	867.000	153.730
2015/16	374.000	674.000	154.000
2016/17	395.000	872.000	150.240
2017/18	388.000	819.304	149.350

FONTE: IBGE, AFUBRA, SEAB/DERAL



TABELA 3 – PRINCIPAIS ESTADOS-ÁREA PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE – 2017/2018

ESTADOS	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade	Participação %
Rio G. Do Sul	185.517	368.322	1.985	45
Santa Catarina	106.290	240.251	2.260	29
Paraná	77.800	190.254	2.245	23
Alagoas	9.590	11.384	1.187	1,4
Bahia	8.000	8.480	1.060	1,0
Outros	803	613	763	0,6
Brasil	388.000	819.304	2.112	100,0

FONTE: IBGE, SEAB/DERAL

TABELA 4 – MAIORES MUNICÍPIOS PRODUTORES DE FUMO NA REGIÃO SUL – 2017/2018

RIO GRANDE DO SUL	PRODUÇÃO (t)	Nº PRODUTORES
VENÂNCIO AIRES	20.316	4.532
CANGUÇU	19.942	4.892
SÃO LORENÇO DO SUL	18.168	3.963
SANTA CRUZ DO SUL	14.593	3.460
CANDELÁRIA	13.911	3.432
CAMAQUÃ	12.952	2.588
VALE DO SOL	12.722	2.705
DOM FELICIANO	11.147	1.989
ARROIO DO TIGRE	8.887	2.458
VERA CRUZ	8.873	1.970
AGUDO	8.424	2.244
SANTA CATARINA		
ITAIÓPOLIS	13.175	2.387
CANOINHAS	12.971	2.576
SANTA TEREZINHA	11.236	1.966
IRINEOPÓPIS	9.651	1.776
PARANÁ		
SÃO JOÃO DO TRIÚNFO	13.680	2.055
RIO AZUL	12.702	2.512
PRUDENTÓPOLIS	9.651	1.776



IPIRANGA	8.432	1.576
IMBITUVA	8.226	1.287

FONTE: AFUBRA, SEAB/DERAL

PERFIL DO FUMICULTOR BRASILEIRO

O fumicultor brasileiro é aquele indivíduo que geralmente possui pouca terra, pequena propriedade, muitas vezes arrendatário ou ainda meeiro aquele que não detém posse da terra. Dentro deste princípio e segundo o estudo da Associação dos Fumicultores do Brasil – AFUBRA, o produtor de fumo possui em média apenas 15,3 há de terra. Esta condição já não comporta por exemplo a exploração de soja, cuja cultura exige necessariamente a prática de mecanização e maior extensão de terra.

Nesta pesquisa da AFUBRA observa-se também que dos 15,3 há de terra em sua propriedade, a cultura do fumo ocupa apenas 17,6%, ou seja, somente 2,7 há, porém é esta a fração da propriedade que gera uma renda superior a 50%. O restante da terra é destinado para outras culturas como milho, feijão, pastos e, em menores proporções ao reflorestamento e fruticultura. Portanto, são pequenos agricultores e de agricultura familiar, onde predomina a mão de obra da própria família e eventualmente complementada com os vizinhos “conhecida como troca de dias”.

Historicamente esses produtores cultivavam milho e feijão e migraram para o plantio de fumo, alegando que o principal motivo desta mudança é a integração com as indústrias. Os produtores levam em conta que a integração lhes garante a assistência técnica, a garantia da compra da produção, a correção dos preços no início da colheita e o resultado econômico quando comparado com outras lavouras exploradas em suas propriedades com pouca tecnologia ou no sistema tradicional. (Tabela – 5)

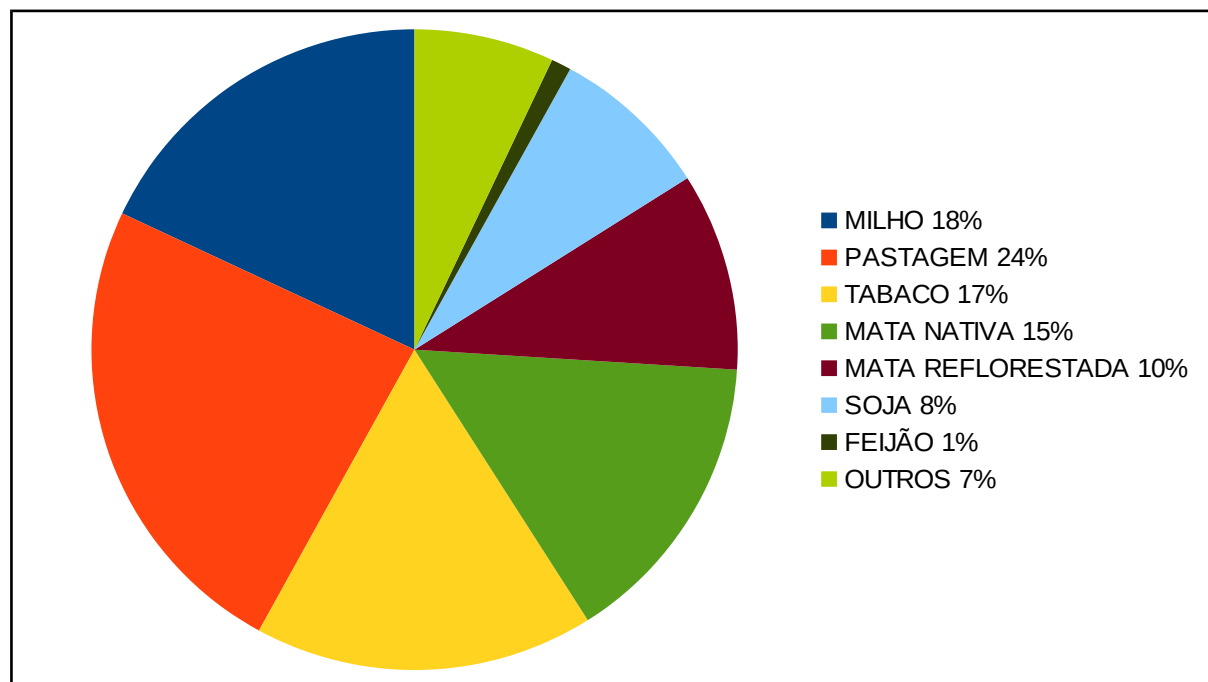


TABELA 5 – FUMICULTURA SUL BRASILEIRA – DISTRIBUIÇÃO FUNDIÁRIA – 2017/2018

HECTARES	FAMÍLIAS	%
SEM TERRA	39.753	27
DE 1 a 10	53.776	36
DE 11 a 20	36.026	24
DE 21 a 30	13.454	9
DE 31 a 50	5.051	3
Mais de 50	1.290	1
TOTAL	149.350	100

FONTE: AFUBRA, SEAB/DERAL

GRÁFICO-1 OCUPAÇÃO DE PROPRIEDADE FUMÍCULA 2017



FONTE : AFUBRA, SEAB/DERAL



EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE FUMO

A produção brasileira de fumo é destinada quase que exclusivamente para atender o mercado internacional, uma vez que o País tornou-se o líder nas exportações a partir de 1993. Atualmente, o tabaco brasileiro é vendido para mais de 100 países e já atinge cerca de 80% da produção, tendo alcançado o volume máximo de 700 mil toneladas no ano de 2007. Durante a última década as exportações ficaram na média de 583 mil toneladas de fumo em folha. Já a partir de 2014 o volume exportado ficou reduzido e também registrou-se uma razoável desvalorização cambial.

A tendência para os próximos anos, é de estabilidade nas exportações, baseado no comportamento dos últimos 5 anos, cuja média ficou próxima a 532.000 toneladas do produto. Esta redução já pode ser um reflexo da forte pressão mundial de se reduzir o uso de tabaco e conseqüentemente a produção poderá ser afetada.

Os países da União Europeia são os principais compradores de fumo brasileiro representando 40% do total exportado; Extremo oeste na faixa de 25% e a América do Norte em média de 10%. O restante é comercializado com os países do Leste Europeu, Oriente Médio, África e também com a América Latina. (Tabelo-6) – (Gráfico – 2)

TABELA 6 – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE FUMO

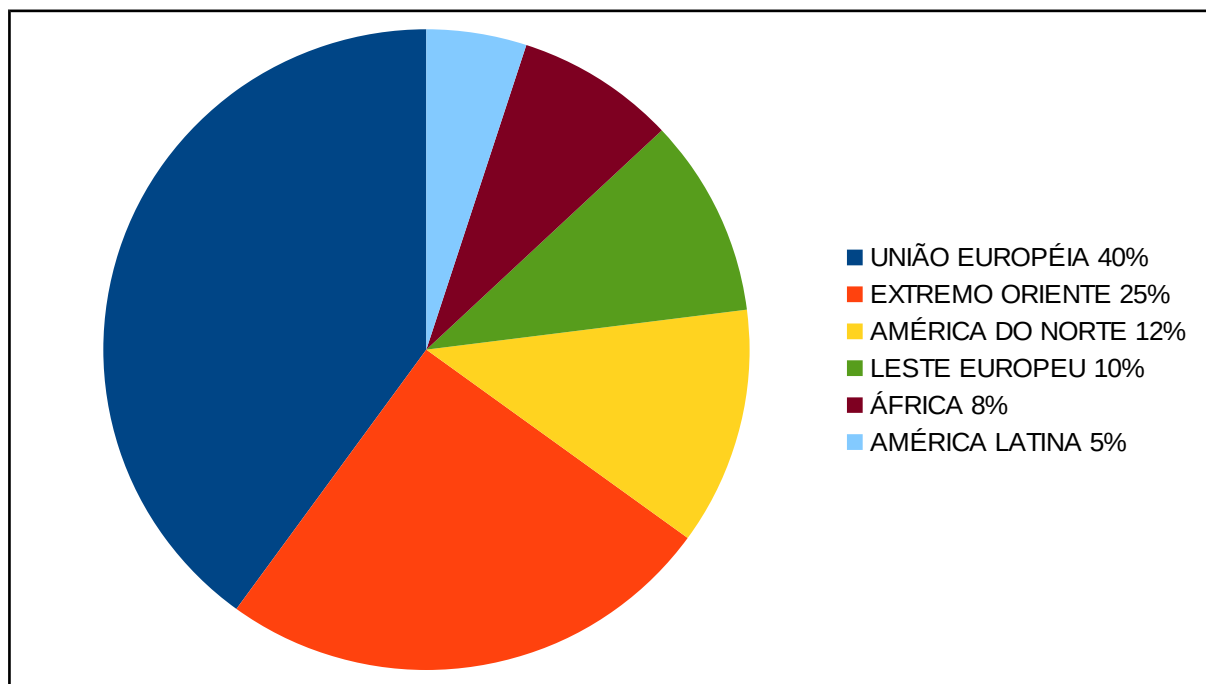
ANOS	QUANTIDADE (1000t)	VALOR (Milhões US\$/ FOB)	VALOR (US\$/Kg)
2007	700	2.200	3,14
2008	686	2.713	3,95
2009	672	3.020	4,49
2010	503	2.730	5,43
2011	541	2.891	5,34
2012	633	3.211	5,07
2013	624	3.240	5,19
2014	476	2.500	5,25
2015	516	2.186	4,24
2016	483	2.123	4,40
2017	462	2.092	4,53
2018	225	993	4,41

FONTE: MDIC/SECEX, SINDITABACO

* Até o mês de Julho



GRÁFICO 2 – PRINCIPAIS IMPORTADORES DE TABACO BRASILEIRO – 2017



FONTE: MDIC/SECEX, SINDITABACO

PARANÁ

O Paraná foi um dos primeiros estados a iniciar os movimentos na luta da diversificação, redução ou até para a substituição completa do plantio de fumo por outras atividades. Entretanto, apesar dos esforços de várias entidades ligadas à saúde pública no combate ao tabagismo, no Paraná se observa um crescimento contínuo na área de plantio. A produção paranaense de tabaco ocupa o 3º lugar no ranking nacional e a sua taxa de crescimento é contínua durante os últimos 10 anos.

Durante a última década a participação na produção nacional passou de 11% para 21% e o setor acredita que possa crescer mais ainda durante os próximos anos. Neste período, observa-se que os maiores aumentos são registrados naquelas famílias com maior número de pessoas, pois esta atividade demanda grande quantidade de mão de obra. Na safra de 2017/18 foram cultivados 78.000 há e utilizando-se o coeficiente de 0,7 homem / hectare, a cultura gerou no campo aproximadamente 55.000 empregos.



SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento
DERAL – Departamento de Economia Rural

Apesar do aumento de área plantada nos últimos anos, o número de famílias envolvidas com o tabaco, em nosso Estado, vem diminuindo. Isto significa que as famílias estão aumentando as suas áreas de plantio com o fumo em detrimento de outras culturas como feijão e milho, que são os produtos mais explorados pelos fumicultores.

A produção de fumo se concentra na Região Sul ou nos Núcleos Regionais de Irati, Ponta Grossa, Curitiba, União da Vitória e Guarapuava, que foram responsáveis por 94% na última safra. Na Região Sul predomina o fumo de estufa, enquanto no Oeste e Sudoeste são produzidas variedades de galpão, com a diferença na secagem das folhas. O fumo de estufa é secado artificialmente com o calor do fogo produzido na queima de lenha, enquanto o de galpão é secado naturalmente e demora mais tempo. (Tabela-7) – (Gráfico – 3).

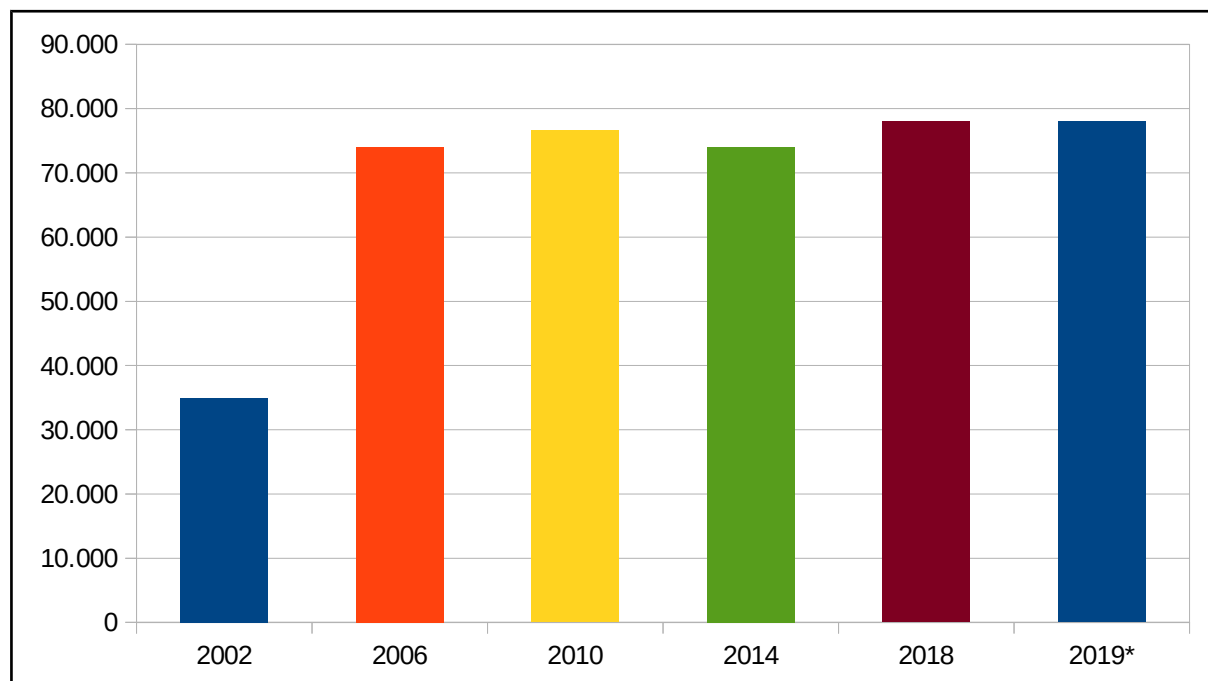
TABELA – 7 ÁREA E PRODUÇÃO DE FUMO NOS PRINCIPAIS NÚCLEOS REGIONAIS 2017/2018 E 2018/2019

NÚCLEOS REGIONAIS	SAFRA 2017/18	SAFRA 2017/18	SAFRA 2018/19	SAFRA 2018/19	PART. %
	Área (ha) A	Produção	Área (ha) B	Produção(t)	
IRATI	24.000	56.400	24.000	57.600	30,8
P. GROSSA	21.600	59.000	21.430	57.900	27,5
CURITIBA	13.670	35.200	13.640	35.120	17,5
U. DA VITÓRIA	8.000	17.600	8.000	16.400	10,3
GUARAPUAVA	5.100	13.200	5.400	14.450	6,9
CASCADEL	1.950	4.000	1.950	4.200	2,5
F. BELTRÃO	1.050	2.590	1.050	2.530	1,3
OUTRAS	2.430	5.510	2.530	5.800	3,2
TOTAL	77.800	193.500	78.000	194.000	100,0

FONTE: SEAB/DERAL



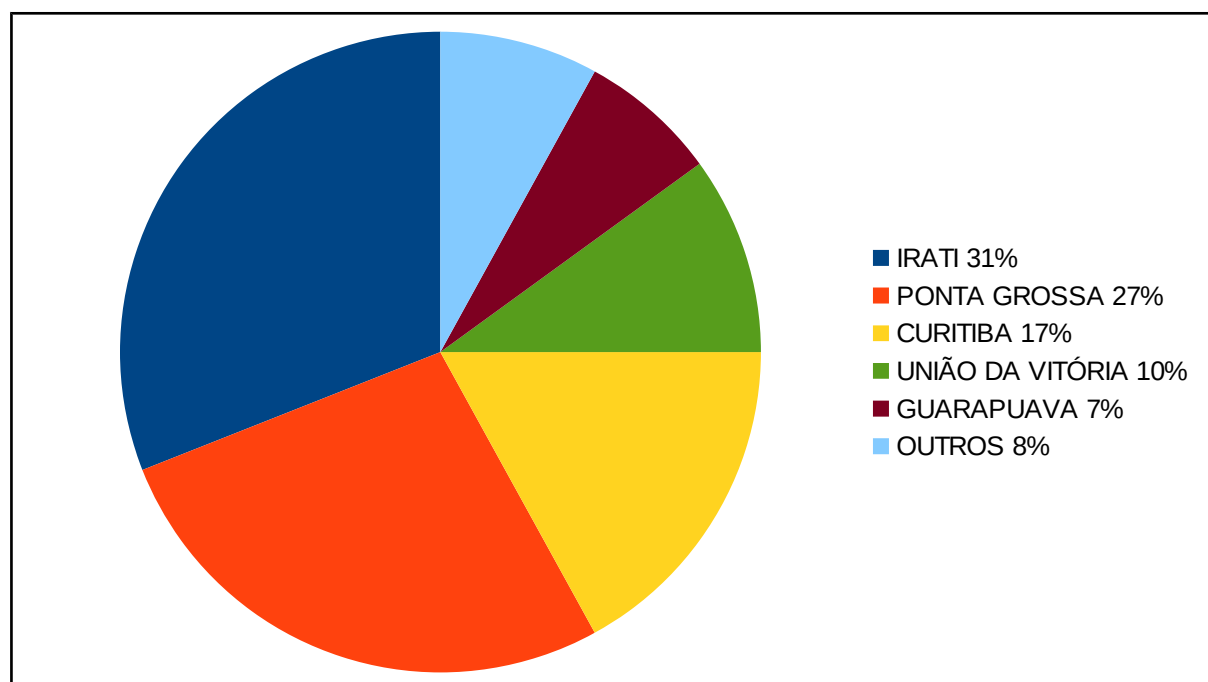
GRÁFICO 3 – PARANÁ – EVOLUÇÃO DE ÁREA PLANTADA DE FUMO (ha)



FONTE: SEAB/DERAL

*Estimativa

GRÁFICO 4 – PARANÁ – ÁREA, PARTICIPAÇÃO POR NÚCLEO REGIONAL 2018/2019



FONTE: SEAB/DERAL



PREÇOS

Há exatamente 3 safras em que o produtor paranaense fica satisfeito com os preços recebidos, praticados pelas indústrias de fumo. A metodologia aplicada na formação dos preços continua a mesma, com uma ampla discussão entre as entidades representantes dos fumicultores e o SINDITABACO com respectivas indústrias. As reuniões ocorrem geralmente no início do mês de dezembro, época em que se inicia a colheita da safra.

Normalmente, o ponto de partida é baseado na variação do Custo de Produção da colheita que se inicia comparado com a do ano passado. Este valor, geralmente é defendido pela Associação dos Fumicultores do Brasil – AFUBRA. Também é levado em conta a variação cambial, uma vez que cerca de 80% da produção brasileira é exportada para outros países. O tamanho dos estoques remanescentes também é de fundamental importância que entra na formação dos valores que compõem a tabela de preços que deverão ser praticados com os produtores.

A sistemática consiste na assinatura do protocolo, quando as entidades representantes dos produtores e das indústrias chegam ao acordo. Caso contrário, não se assina o protocolo porém se estabelece um valor, geralmente, maior que determinada indústria oferece. Durante os 3 últimos anos não houve o consenso entre as partes e o protocolo não foi assinado, porém os preços praticados foram razoáveis e a grande maioria dos produtores ficou satisfeito com o resultado econômico.

Em 2018 o preço médio recebido pelos produtores situou-se na faixa de R\$ 9,00/arroba. Este valor é 12,5% maior comparativamente à safra do ano passado que atingiu uma média de R\$ 8,00/arroba. Esses valores já foram mais interessantes no ano de 2016, pois naquele ano a safra foi frustrada devido ao excesso de chuva e os estoques estavam reduzidos.



PROGNÓSTICO

Pelo comportamento das últimas safras, nota-se que a cultura do fumo está consolidada em nosso Estado. Sua implantação deu-se no início dos anos 70 e muitos dos produtores ainda continuam com esta atividade até os dias atuais. A cultura do fumo apresentou crescimento em praticamente todo este período de tempo, uma vez que se instalou em pequenas propriedades, onde se cultivava basicamente o feijão e o milho, produtos que apresentam resultados econômicos muito abaixo se comparados aos do fumo.

Este sucesso está alicerçado em vários fatores que passam pela organização do setor, com destaque a assistência técnica personalizada, o aval ao produtor junto aos bancos, fornecimento dos insumos e principalmente a garantia de compra da produção. Essas variáveis impulsionaram a atividade e por está razão fica muito difícil a diversificação ou a substituição por outras culturas.

Assim sendo, mesmo a constante preocupação dos órgãos governamentais com relação aos malefícios causados pelo tabagismo e a busca de alternativas aos produtores, não se vislumbra a curto prazo uma redução de plantio. Para próxima safra de 2018/19, as primeiras estimativas indicam uma área de 78.000 há e uma produção de 194.000 toneladas de fumo em folha. Comparando-se à safra anterior, a princípio os resultados deverão ser praticamente iguais.